

RIF

Ensaio Fotográfico



Tarde de milonga

Marcelo Sabbatini¹
Betania Maciel²

Sábado de tarde, um clima de “*siesta*” se abate sobre o bairro que abriga o centro histórico de Montevideú. Muitas lojas fechadas, as ruas estreitas se esvaziam de moradores e de turistas. De repente, acordes musicais se infiltram por esta calmaria, identificados logo como um tango, ou melhor dizendo, uma milonga, o ritmo nacional do Uruguai. Seguindo a trilha musical, encontramos um bar de esquina, muito simples, autêntico boteco, de onde emana a melodia. Irrecusável o convite para entrar e ver o que acontecia ali.

O vinho, servido rapidamente, é simples e barato, como o cenário. Contudo, sua rispidez contrasta com a cena doce que se desenrola no salão. Um grupo de senhores e senhoras, septuagenários, octogenários, estão reunidos para celebrar uma milonga. Elas maquiadas pesadamente e ostentando suas bijuterias mais queridas; eles de terno e gravata, como manda o rigor de dignos cavalheiros. Os vocais se alternam, entre uma diva de periferia e um cavalheiro da velha guarda. Os únicos jovens são os músicos, provavelmente filhos, netos, vizinhos.

Em uma parede, inevitável, o retrato dele, o ícone, o inolvidável, *El Morocho*, Carlos Gardel. Com seu sorriso perpétuo, parece aprovar e se divertir com este festejo sabático. A cada canção, casais se formam e bailam, com passos vacilantes e frágeis, ao ritmo sensual. Mas a demografia não ajuda e, na falta de um parceiro, duas senhoras formam um inusitado par, mantendo viva a alma da milonga uruguaia.

Em outra parede no alto, uma pintura retrata o edifício no qual estamos e o bar, que já existia na época. Possivelmente década de 1940, a julgar pelos automóveis figurados: o Nova York pode ter sido um bastião do tango tradicional³. Sua única concessão

-
- 1 Doutor em Teoria e História da Educação – Universidad de Salamanca (Espanha). Professor da Univesidade Federal de Pernambuco e do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática e Tecnológica – Edumatec, da mesma instituição. Fotógrafo.
 - 2 Doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. Professora da Universidade Federal rural de Pernambuco e do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local – POSMEX, DA mesma instituição. Ex-presidente da Rede Folkcom – Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação. Coordenadora do GT Folkcomunicación y Cultura Popular da XI Congreso Latinoamericano de Investigadores de la Comunicación – ALAIC.
 - 3 Em favor da transparência, foi somente ao editar a foto que percebemos a identificação do quadro com o bar. Na emoção do momento, não havíamos anotado nem seu nome, nem a sua localização.

à modernidade são refrigerantes de marca ubíqua e as paredes, coloridas e alegres com cenas da cidade que lhe batizam.

Antes do que desejaríamos, a reunião termina. Todos se encaminham para a porta, um desfile no qual os passos tímidos e cambaleantes dão lugar à confiança de almas renovadas e sorridentes.

E como epílogo, um momento *voyeur*. O senhor de cabelos e barbas brancas, elegante em sua blusa de lã, rouba um beijo da cantora. A fugacidade nos faz pensar em um beijo possivelmente proibido; porém, será uma antiga ou nova paixão antiga? Um beijo tão discreto que quase passaria despercebido, não fosse a teleobjetiva de uma câmara atenta⁴.

Este sábado era o 12 de maio de 2012, logo após o encerramento do XI Congreso Latinoamericano de Investigadores de la Comunicación, Alaic 2012, realizado na capital da pátria do tango, o Uruguai. Pensionávamos termos nos embebido de Folkcomunicação, em duas tardes intensas observando e debatendo as tendências da pesquisa no campo, em meio ao GT – Folkcomunicación y Cultura Popular. Mas nesta breve experiência pudemos vislumbrar uma nova fronteira para a análise folkcomunicacional: o tango.

As imagens captadas incitaram a pesquisa e na pesquisa encontramos vários elementos que podem relacionar este ritmo/dança típico da América do Sul, patrimônio cultural da Humanidade compartilhado entre Uruguai e Argentina, e a teoria da Folkcomunicação. De sua origem da miscigenação cultural entre descendentes dos colonizadores espanhóis e de escravos com os imigrantes europeus o tanto é uma expressão identitária das populações dos arrabaldes (“extramuros”, suburbanos), essencialmente popular. Mais que isso, também é ligada ao grupo erótico-pornográfico de Luiz Beltrão, na medida em que sua história se entrelaça com a da prostituição e do submundo da noite. E finalmente, o tango também é matéria de apropriação pelos fluxos comunicacionais massivos, no contexto da indústria do turismo internacional, por um lado e da resistência cultural, por outro. A extensão e profundidade da reflexão gerada

Felizmente, a pista do nome e a disponibilidade de informações na Internet nos ajudaram, não sem um pouco de surpresa, a identificá-lo. O fio azul, típico da conexão de rede também se justifica; ainda que incipiente na cultura digital, o RestobarNY possui página Web (<http://barnuevayork.com.uy>) e perfil na rede social *Four Square* (<https://pt.foursquare.com/v/barnueva-york/4e3d8e3ba809ba757c0bb490>).

4 Este ensaio fotográfico encontra-se disponível em: <http://www.marcelo.sabbatini.com/go/ensaio-tango>.

ultrapassa contudo os limites da apresentação de um ensaio fotográfico; desta forma, pareceu-nos mais adequado publicá-la no formato de ensaio teórico, em outra seção desta revista.

Esperamos que a cena presenciada e, que agora compartilhamos através ensaio fotográfico e do ensaio que o acompanha (ou vice-versa), inspire mais pesquisadores a investigarem como uma cultura riquíssima em significados e de história foi, é e será utilizada para a comunicação dos excluídos. Merecendo, portanto, um olhar mais aprofundado da Folkcomunicação.



A diva.



A velha guarda.



Um cavalheiro a moda antiga.



O par inusitado.



Milonga, identidade nacional.



Da nova geração.



Festejo sabático.



Sob o olhar del Morocho, Carlos Gardel.



Um beijo roubado.



Almas sorridentes.
